



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM, FONTE DE INVESTIGAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA

Sandra E. Gomez
CIG-IGEHCS-CONICET-FCH
Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires
sgomez@fch.unicen.edu.ar

Pablo Sebastián Moreira Fernandez
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
pablosmfernandez@gmail.com

Sabina Prado
CIG-FCH - Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires
sprado@fch.unicen.edu.ar

Resumo

Este trabalho surge da compreensão sobre a potência das imagens como linguagem e fonte na investigação e no ensino, como possibilidade para a construção conhecimento, de formas de olhar, conceitualizar e imaginar o espaço e suas espacialidades. Neste sentido, este trabalho busca narrar a experiência de uma oficina de formação de professores e estudantes de Geografia, denominada: POSSIBILIDADES DA FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM E FONTE DE PESQUISA EM GEOGRAFIA, realizada entre os dias 10 e 11 de Junho de 2021, na modalidade virtual e no âmbito da Red de Docentes e Investigadores en la Enseñanza de la Geografía, na Argentina. Tal oficina desenvolveu-se em duas fases: em primeiro lugar, foi abordado o quadro teórico-epistemológico, em termos das conexões entre a linguagem da Fotografia, a Geografia e a Educação. Em seguida, de modo a construir um encontro com a linguagem fotográfica como meio de mobilização e afeto, estabelecemos como meio de expressão e reflexão teórica a produção, interpretação e experimentação de narrativas imagéticas. Finalmente, o conhecimento do "meu lugar, minha paisagem" é recuperado como uma experiência imaginária e existencial, subjetiva e objetiva, a partir da criação de outras geografias, como produto das fotografias produzidas pelos alunos e professores presentes, o que problematiza as opções entre o real e o imaginado; entre o imaginário, o conhecimento e a ficção, em termos da experiência de olhar e fotografar.

Palavras chave: Fotografia, Experiência, Educação, Paisagem.

1. Introdução

O nosso cruzamento de caminhos começa em 2019, a partir de uma ligação mediada pela Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação” e dada na participação da Terceira Conferência Nacional da Rede de Professores e Investigadores no Ensino de Geografia das Universidades Públicas Argentinas (ReDIEG). Neste caso, vamos narrar a experiência de uma oficina formativa para professores e estudantes de Geografia, com base em pesquisas e reflexões sobre a fotografia como linguagem, fonte de pesquisas e possibilidade no ensino, a fim de delinear “outras” possibilidades de abordar o conhecimento, formas de olhar, conceitualizar e imaginar o espaço (FERNANDEZ, 2019; GOMEZ, 2016).

Nesta proposta recuperamos a paisagem como experiência e significado através da linguagem poética das imagens produzidas pelos participantes da oficina. As imagens



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

fotográficas são expressões poéticas, artísticas, culturais, de pontos de vista, assim, elas constituem uma forma de “olhar” para as coisas, objetos, elementos, discursos, mas acima de tudo, possibilita uma visão acerca de recortes espaciais e as múltiplas experiências que as permeiam. Nesta linha, a proposta foi primeiramente desenvolvida a partir dos elementos teóricos, conceituais e epistemológicas, de modo a estabelecer ligações entre a Geografia, Cultura, Educação e Fotografia. Para o segundo momento, foi proposto experimentar e refletir sobre diferentes metodologias para a produção de narrativas imagéticas, produzidas por estudantes e professores de diferentes localidades da Argentina.

2. A Oficina como espaço de experimentação

Em nosso entendimento, uma oficina se configura a partir dos encontros e de práticas coletivas, visto que constitui um rico campo de experimentação e criação, além disso, é compreendida como metodologia de trabalho e de ensino. Geralmente associada à práticas e a “modos de fazer” manuais, corporais, sensoriais, etc, a oficina quando localizada no espaço virtual apresenta “novos” desafios, como o de (re)criação dos momentos de interação, de trocas e confronto de saberes (preservando uma certa horizontalidade), de abertura para a fala e para uma escuta atenta, para a construção e troca de conhecimentos ali gerados. De todo modo, o que se tentou no *taller*, foi o de que a fotografia permitisse intercâmbios a partir de um exercício de leitura e um de produção de imagens.

Na primeira parte da oficina, se deu a leitura de algumas fotografias históricas, produzidas no início do século XIX, momento da criação e difusão da técnica fotográfica. Dentre estas, foram analisadas um conjunto de retratos e *cartes de vue*, naturezas mortas, paisagens urbanas, publicidade e registros de expedições. Optamos por aprofundar a leitura desta última categoria (a das expedições), visto que a mesma disparou um diálogo acerca da função e dos usos da Fotografia na produção de uma narrativa científica/geográfica, e ainda por versar sobre a paisagem, conceito presente em práticas educativas desta disciplina.

A imagem intitulada Colosso Ocidental do Templo de *Abu Simbel* (1850) presente no álbum de Maxine Du Camp, *Egypte, Nubie, Palestine et Syrie* (MCCAULEY, 1982), permitiu dois caminhos de leitura da fotografia, um primeiro “mais técnico”, e um segundo que atuaria no campo das afeições, do desejo, provocados a partir de uma questão sobre como os tocava esta imagem, ou quais imaginações espaciais ela gerava? O primeiro caminho para a leitura de imagens fotográficas “mais técnico” se dá em um campo delimitado pela iconografia e pela semiologia. Neste caminho, o historiador da arte Erwin Panofsky considera que tal leitura se desenvolve em níveis, sendo estes, o pré-iconográfico onde ocorre a descrição dos elementos presentes na imagem: a sua composição, os elementos que a estruturam, iniciado e sistematizado pela enumeração dos motivos ou elementos primários presentes. Durante a leitura da imagem de Du Camp, pode-se reconhecer como elementos nas falas dos participantes: dunas, areia, arenito, hieróglifos, um sujeito sentado sobre a cabeça de uma esfinge, podendo inserir aqui alguns registros como: legendas, data, autoria, suporte de difusão e outros elementos contextuais.

No nível iconográfico, ocorre a ligação dos motivos ou objetos e suas combinações com assuntos ou conceitos, o que podemos também compreender como as estórias e alegorias que o fotógrafo busca escrever. Neste sentido, a tomada escolhida pelo fotógrafo e a



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

perspectiva (de cima para baixo) empregada, pode construir uma ideia de superioridade de uma cultura (povo, grupo, sociedade) sobre outra, onde um personagem é posicionado sobre um símbolo histórico, sentado como um “turista”. O terceiro, o iconológico, onde se dá uma tentativa de fazer aparecer o significado simbólico do objeto em um tipo de tradução, é o encontro com o significado ou com o conteúdo da imagem. Se situarmos esta imagem em um contexto das expedições europeias de cunho pré-colonial, ela pode ser utilizada com uma justificativa visual de tal empreendimento capitalista. É importante considerar que no âmbito de uma educação pelas imagens, ambos os caminhos de leitura se complementam, instrumentalizando o “uso” da imagem fotográfica pelo(a) professor(a) de Geografia.

O segundo caminho proposto no *taller* se constrói a partir da proposta de “habitar a paisagem” elaborada por Roland Barthes, que situa o desejo como um mobilizador para a “entrada” na paisagem/lugar fotográfico. Este procedimento também chamado de desmistificação, implicaria em um encontro dos leitores com o conteúdo da imagem a partir do *studium*, sendo “aquilo” que direciona o nosso interesse pelas fotografias, dado no momento em que participamos culturalmente da imagem; e do *punctum*, como aquilo que me toca, que me fere, “a picada” (BARTHES, 1984, pp. 71-91).

Dentre o *studium* e o *punctum*, retoma-se aqui algumas falas que emergiram na oficina a partir desta imagem e de que modo podia ser conectada a experiência, entendida “uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem pré-ver nem pré-dizer” (LARROSA, 2019, p.28). O participante N. nos trouxe as seguintes ideias: *O disparo foi de baixo para cima, onde a câmara enquadra a pessoa [...] dando ênfase ou aumentando a "importância" de ambos, parece aumentar a dimensão dos objetos!* E prossegue: *A foto mostra duas pessoas: uma feita de pedra e outra real!* Tal qual N., o coletivo foi uníssono ao indicar que a imagem diz de um lugar exótico descoberto e possuído, visto que *o homem triunfa sobre uma terra desconhecida.*

Outra leitura, da professora C., indicaria a partir desta imagem, que a mesma corresponde a: *Uma cultura! Uma pirâmide tem um caráter central para muitos povos! Quanto à fotografia, é preciso saber quem é o fotógrafo! Como foram tiradas estas fotografias? Que técnica! Reconhecer que tudo o que se vê (e o que não se vê) tem a ver com as nossas histórias de vida. Por muito massificados que sejam os nossos olhos, cada fotógrafo tem um olhar que é guiado pelos seus próprios desejos!* Desta forma, têm-se a intenção daquele que a produz. Ainda sobre as intenções do fotógrafo, a mesma nos indicaria que esta tomada pode ser aproximada dos álbuns “comparativos”, compostos predominantemente por paisagens que permitiriam um esquadramento racionalista do espaço a partir da utilização da perspectiva e suas “verdades”, apresentando de modo realista os processos de apropriação da natureza pela sociedade.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.



Imagem1: *Isamboul-Colosse occidental du Speas de Phre*. Impressão em papel com sais de prata e negativo encerado. O sujeito provavelmente é Sassetti, ajudante de Du Camp.
Fonte: MCCAULEY, 1982.

3. Narrativa fotográfica: Meu lugar, minhas paisagens

Como pode-se avistar no tópico anterior, a própria análise e/ou leitura da imagem quando situado no campo da experiência apresenta a estrutura de narrativa espacial, existencial, poética, a partir do momento que a imagem adquire sentido ao leitor. A narrativa em uma perspectiva benjaminiana, indica que esta é uma forma de expressar a experiência tendo caráter de potência imaginativa e reflexiva. A narrativa pode ser potência para a expressão do que Larrosa (2019) nomeia como “saber da experiência”, que, em contraponto à constante associação que o mundo moderno faz entre informação, conhecimento e aprendizagem, participaria da observação e da descoberta de novos olhares, através da reflexão, atribuindo lentamente aos eventos uma significação singular e particular que toca os sujeitos.

Assim, deu-se a proposta de produção de (2) fotografias que abordassem o tema “Meu lugar, minhas paisagens” (considerando o contexto pandêmico e remoto), e que fossem constituídas por uma composição abstrata e uma paisagem “objetiva”, ambas tomadas no mesmo espaço. O exercício seria guiado a partir de elementos técnicos da Fotografia como: o uso da tecnologia, enquadramento, planos, composição, regra dos terços, tomadas no modo manual das câmeras de telefones celulares; e por questões pessoais que conduziram a ação fotográfica.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Neste caminho, compreendeu-se que a experiência de fotografar mobilizou uma mirada subjetiva, a partir de um dado objetivo, revelando diversas formas de viver, sentir, imaginar e habitar espaços. Pode-se dizer que, a produção/edição de imagens convergem num jogo de olhares que põe em contato traços culturais e o pensamento espacial existente. Assim, uma imaginação espacial, que não deve ser ignorada na compreensão do lugar como geograficidade, indicando que as imagens atuam numa educação visual sobre os lugares, e contêm os sinais da política, cultura visual e da memória espacial.

As imagens produzidas na oficina não se destinaram a reproduzir um efeito de realidade, o que guiou uma reflexão sobre a ideia de “pluralização da realidade” (LARROSA, 2019) e de como a narrativa pode compor uma dúvida sobre o poder da representação da realidade, como a única verdade. Estas, outras pluralidades, *es que las imágenes del arte ven (y dan a ver) de modos que divergen de nuestros modos de ver (y dar a ver) en el cotidiano, en el saber, en la ciencia, etc* (PELLEJERO, 2021, p. 29). Assim, encontrar um diálogo entre (e com) imagens fotográficas mediadas pela experiência de ser afetado, permite-nos abordar a edição do “meu lugar, minhas paisagens” como estratégias para construir uma memória duradoura, onde a produção, o diálogo e a montagem se tornam: “um ato político fundamental para mediar - induzir, dirigir - as nossas práticas espaciais” (OLIVEIRA JR, 2021, p. 13).



Imagem 2: Três miradas de uma mesma paisagem (Oficina)

Fonte: Sabina Prado, 2021.

De modo geral, as imagens produzidas na oficina expressaram que os lugares estão ligados à sensibilidade e se pauta no domínio do visível, (des)configurando subjetividades implícitas e reconhecendo outras formas invisíveis de espacialidade humana. A partir da trama visual da composição acima, podemos inferir um significado e intencionalidade de quem capta cada imagem: revelar o mesmo lugar/paisagem em três espaços-tempos distintos. Aquele que registra a imagem, manifesta as emoções interiores na fotografia, no caso da foto acima: uma mirada da janela de casa. Aqui não há uma separação entre o fotógrafo e o espaço fotografado, já não se trata de ter estado lá (como comprovação), mas de um ser-estar-agora e o que parece emergir em primeiro lugar da fotografia é um presente.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Considerações Finais

As composições fotográficas produzidas tornaram-se uma fonte de investigação e ensino, indo além das meras ilustrações para serem consideradas como uma linguagem que promovia a reflexão teórica, metodológica e epistemológica, abrindo outras formas de experimentar as imagens, o seu significado e significados. Ademais, as imagens permitiram a nós (e aos participantes) um encontro com outros lugares e assim, outros olhares, ambos encarnados em alteridade, elemento potente para o conhecimento espacial. O espaço virtual como possibilidade ao encontro e a prática oficinaira, é acessada na fala de um participante, para quem a oficina o ajudou a pensar na fotografia para além da técnica, mas como uma linguagem para partilhar experiências e sentidos.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FERNANDEZ, Pablo S. M. Habitar uma paisagem “velha”: a fotografia como linguagem da pesquisa e do ensino de Geografia. **Revista Signos Geográficos**. Goiânia, v.1, 2019.
- GOMEZ, Sandra. Experiencia(s) Espaciales en Imágenes: líneas de fuga entre pinturas, fotografías y video. **Olhares & Trilhas**, v. 17, n. 2, 12 jul. 2016.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MCCAULEY, Elizabeth Anne. **The Photographic Adventure of Maxime Du Camp**. Humanities Research Center of the University of Texas, 1982.
- OLIVEIRA JR., Wescleslao M. de. Fotografias, Geografias e Escola. **Revista Leitura: Teoria e Prática** nº 70. ALB. Disponível em: http://alb.com.br/arquivoorto/edicoes_anteciores/anais17/txtcompletos/sem05/COLE_1364.pdf, consultado em janeiro de 2021.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 3a.ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.
- PELLEJERO, Eduardo. Ver para creer. El arte de mirar y la filosofía de las imágenes. **Revista Aisthesis**, n. 56, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-71812014000200002>, consultado em janeiro de 2021.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.